

Arte atual de Brasília

Berenice Otero

Um grupo de 22 artistas de Brasília terá uma oportunidade única de mostrar aquilo que está sendo criado na capital federal, em termos de artes plásticas, a partir do dia 9 de maio, num dos mais importantes espaços da capital paulista, o Museu de Arte Brasileira. Mas as dificuldades para organizar uma mostra de tal importância não são poucas.

De 9 a 26 de maio, 22 artistas de Brasília estarão expondo seus trabalhos no Museu de Arte Brasileira, da Fundação Armando Álvares Penteado, em São Paulo. A Associação dos Artistas Plásticos de Brasília recebeu o convite no ano passado e há três meses os artistas João de Sylos, Milán Dusek, Glênio Lima e Eduardo Cabral estão à frente do trabalho de organização da mostra.

"O problema maior que estamos enfrentando é o de patrocínio, de verbas", diz o artista plástico João de Sylos radicado em Brasília, desde 1984. "Não temos tido o apoio necessário para uma exposição desse porte, em São Paulo. A Secretaria de Cultura deve fornecer o papel para a impressão do catálogo, o transporte dos trabalhos BSB-SP-BSB e dez passagens, para os artistas que queiram estar presentes à inauguração da mostra. A im-

pressão do catálogo deve ser de responsabilidade da Fundação Cultural. Mas isso ainda é muito pouco. Precisamos de divulgação em SP".

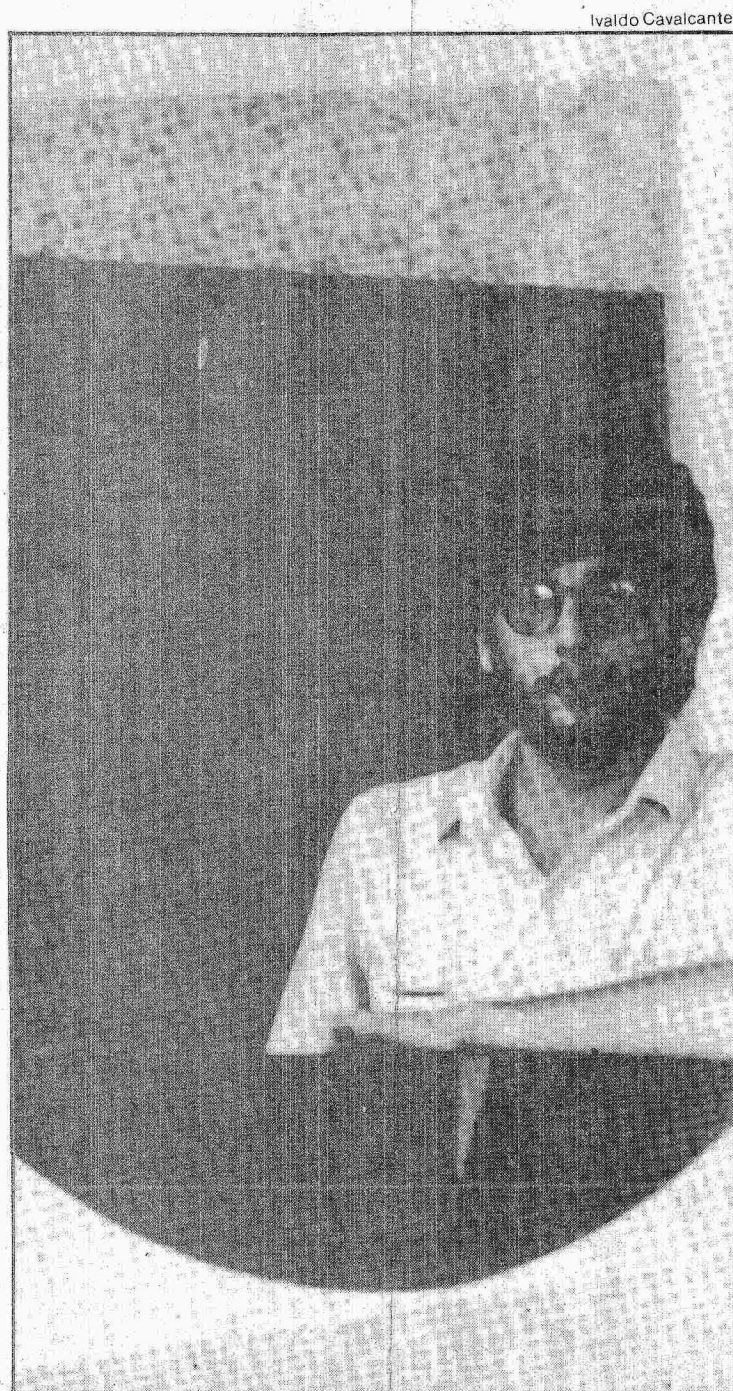
João fala das dificuldades, da burocracia e da lentidão com que as decisões são tomadas. A menos de um mês da inauguração da mostra, tudo são promessas.

A exposição, que leva o título de "Arte Atual de Brasília", reúne nomes como: Athos Bulcão, Rubem Valentim, Glênio Bianchetti, Douglas Marques de Sá, Rose Frajmund, Bety Bettiol, Regina Ramalho, João de Sylos, Luís Carlos Cruvinel, Maria Luíza Centeno, Glênio Lima, Sônia Paiva, Jacqueline Belotti, Elder Rocha Filho, Milán Dusek, Eduardo Carrera, Eduardo Cabral, Edir Monteiro, Luiz Gallina, Ana Miguel, Eloiza Gurgel e Jane Gattai.

Os quatro primeiros, considerados pioneiros da arte em Brasília e os nomes de maior prestígio a nível nacional serão os homenageados da mostra, numa iniciativa da própria associação e dos jovens artistas brasilienses. Eles integram a mostra como convidados. E foram eles os responsáveis pela seleção dos participantes, menos Valentim, que não se encontrava em Brasília, na época.

Embora na opinião de João de Sylos os critérios de uma seleção sempre acabem sendo subjetivos, foram levados em conta aspectos como: artistas de maior atuação e que imprimem um cunho mais profissional a seu trabalho. E também, só entraram na seleção aqueles que são associados à AAPB.

João de Sylos considera esta exposição, onde cada artista deverá expor entre três e cinco trabalhos, "algo do interesse da Secretaria de Cultura, por várias razões, mas principalmente porque se trata daquilo que se faz em Brasília, em artes plásticas, e deve ser mostrado da melhor maneira possível".



Ivaldo Cavalcante

Para o artista plástico João de Sylos, a Sec deveria se interessar mais pela exposição e dar uma efetiva contribuição aos artistas

Ao constatar o desinteresse da SEC ou pelo menos as concretas dificuldades surgidas pela lentidão das decisões no GDF, João afirma: "Em contrapartida, a exposição que veio para o MAB — A Cor e o Desenho do Brasil, 60 obras de 20 artistas brasileiros — embora tenha bons nomes não tem o que há de melhor deles, e estão tentando vender esse "pacote" ao MAB. Esse museu não tem um espaço bom, adequado tem problemas de umidade e um acervo que está sendo danificado. Mesmo usando a Lei Sarney, isso não tem sentido".

Ou seja, se o GDF pode se mobilizar para obter uma grande soma para adquirir os trabalhos reunidos nesta exposição, por que este tipo de interesse e de comprometimento não ocorre em relação à manutenção dos espaços locais e ao trabalho dos artistas da cidade?

Para João de Sylos, que integrou a nova diretoria da associação "aquele museu é bom como espaço intermediário, afinal o de São Paulo começou na 7 de Abril de hoje eles têm o MASP. Não se trata de ter a pretensão de ter aqui um MASP, mas não se pode aceitar um museu que funciona de forma tão precária. Fala-se em fazer um centro cultural, mas não se fala em construir um museu à altura da capital federal".

O artista lamenta as condições em que se encontra o acervo do MAB, onde algumas obras estão "em estado lamentável". Por exemplo: uma obra de Ianelli e outra de Tomie Ohtake, que estão com o chassi empenado e a solução encontrada foi colocar um prego, entre o chassi e a tela, para firmar os quadros. E acrescenta: "Os diretores do museu sempre trabalharam com verbas mínimas, sem nenhuma condição de fazer um trabalho profissional".

Na opinião de João de Sylos, "gasta-se dinheiro de maneira

errada, quando se precisa de verbas para uma realização realmente importante não tem, porque não existe um senso de prioridades, não existe planejamento". A SEC, diz ele, "está em extinção, deverá ser integrada novamente à Secretaria de Educação. Acho que deveria haver uma comissão, dentro da secretaria, que estabelecesse um planejamento, que definisse o uso dos recursos de maneira racional, prática".

Quanto ao movimento artístico de Brasília, João de Sylos considera que "não há um movimento em artes plásticas, existem indivíduos produzindo arte, cada um fazendo o seu trabalho. Acho que temos aqui, além dos quatro pioneiros — Athos, Glênio, Rubem e Douglas — pelo menos uns 15 bons artistas, entre os jovens, que trabalham profissionalmente, com seriedade. Acho que temos um grupo que faz um bom trabalho, aqui".

Quanto à possibilidade de outras realizações, semelhantes à mostra em São Paulo, no mês de maio, e um maior intercâmbio com outras capitais e associações, João diz que "teoricamente, isso seria uma coisa muito boa, mas na prática fica muito difícil. Cada um tem seus problemas, sua vida, mas se conseguirmos fazer, em São Paulo, uma boa exposição, com uma boa organização, pode ser que surjam outros convites, é perfeitamente possível".

O problema para ele ainda é a união da categoria, pois "é muito complicado reunir artistas em torno de um objetivo comum. Temos muito a visão de nossos interesses individuais, de nosso trabalho, que é solitário. Você tem que se dedicar muito a ele. Normalmente, a preocupação maior do artista é realizar sua própria obra, esse é seu principal objetivo. E é uma tarefa que requer muito tempo e o artista não dispõe de muito tempo para outras coisas, ao contrário do que se imagina".